**XXVI DOMINGO COMUM A 2020**

****

**Filho,**

**vai hoje trabalhar na vinha!**

Mt 21,28-32

**Ritos Iniciais**

**Cântico e procissão de entrada | Saudação inicial**

P. Continuamos, neste domingo, a escutar o convite do Pai a trabalhar como filhos na vinha da Igreja, do nosso mundo, da nossa Casa comum. Há quem diga logo que “sim”, mas depois vire as costas; e há quem diga que “não”, mas depois se arrependa e vá. A parábola deste domingo é uma espécie de placa giratória: na medida em que ela se dirige aos que se acham justos, adverte-os para o risco de se tornarem pecadores hipócritas e instalados; na medida em que ela se dirige aos pecadores, dá-lhes a possibilidade de se porem a caminho, à escuta do Senhor, arrepender-se e levantar-se. *Quero ser um humilde pecador a caminho… ou um pecador hipócrita, instalado na sua vida dupla?* Eis a questão que está em cima da mesa da Palavra, nesta Eucaristia. Comecemos por manifestar o nosso arrependimento e pedir perdão ao Senhor.

**Ato penitencial**

P. Senhor, somos pais, educadores, catequistas, professores! Perdoa-nos porque nem sempre vivemos de acordo com aquilo que propomos aos nossos filhos, aos nossos alunos e catequizandos. Senhor, tende piedade de nós. R. Senhor, tende piedade de nós.

P. Cristo, somos pais, educadores, catequistas, professores! Perdoa-nos porque nem sempre as nossas palavras correspondem aos nossos sentimentos e gestos. Cristo, tende piedade de nós. R. Cristo, tende piedade de nós.

P. Senhor, somos filhos rebeldes, desobedientes, revoltados. Perdoa-nos porque muitas vezes dizemos “não” e nem sempre nos arrependemos e mudamos de atitude. Senhor, tende piedade de nós. R. Senhor, tende piedade de nós.

**Hino do Glória | Oração coleta**

**Liturgia da Palavra** (2.ª leitura na forma breve)

**Homilia no XXVI Domingo Comum A 2020**

1. “*Todos família, todos irmãos”* é o lema do nosso ano pastoral 2020/21, que só poderemos viver bem na medida em que redescobrirmos mais profundamente a imagem de Deus como Pai. E a parábola deste domingo – que até parece inspirada numa cena infantil lá em casa – põe-nos de frente a um Pai que não nos trata nem contrata como trabalhadores, mas que nos ama como filhos e nos chama a partilhar com Ele o cuidado desta vinha, da Igreja, do mundo, nossa Casa comum.

2. A parábola diz-nos que este pai tem dois filhos. Iguais na contradição entre o dizer e o fazer a vontade do pai, mas diferentes na sua desobediência. No primeiro, apesar do “*sim*” imediato, dito *da boca para fora*, a voz do pai estava sepultada no seu coração e, por isso, este filho segue a sua vidinha, de aparência e fachada, sem se preocupar mais com a vontade do Pai. Este primeiro filho tornou-se impermeável à voz de Deus e da consciência, para abraçar uma vida dupla, em que diz uma coisa e faz outra. É bem diferente, porém, a desobediência do segundo filho: apesar daquele “*não*”, impensado e repentino, ressoava ainda a memória do convite do pai. Por isso, a recordação do amor do pai arrancou-o e desinstalou-o da preguiça, fazendo-o maturar e mudar de ideias e de caminho. Daí a nossa simpatia natural pelo filho rebelde, o único que, de facto, se arrepende; é verdadeiramente *um pecador a caminho*, que aproveita a liberdade e a espera paciente do Pai como oportunidade de arrependimento e de regresso a casa.

3. Mas eu gostaria, sobretudo, de me colocar na pele e no papel do pai, referido na parábola, como imagem deste Deus que é Pai e afinal ninguém é tão pai como Ele (cf. CIC 239). Jesus fala-nos de um pai que não é bem-sucedido na educação dos seus filhos. Vede: até este Deus Pai, “*de quem procede toda a paternidade*” (Ef 3,15), Se sente falhado na sua missão educativa. Podemos imaginar o seu coração ferido, quando ouve aquele “não” do filho, a pensar de Si para Si: “*Onde falhei eu? Será que não tive o tato, a melhor pedagogia, a boa psicologia, para educar o meu filho”*? Ora, sejamos claros. Nem todos os infortúnios dos filhos são consequência direta dos erros dos pais. Quem aqui disse “*não quero*” foi o filho. Os filhos não são uma réplica nem um produto dos pais. São também eles próprios, com a sua singularidade e as suas escolhas livres e pessoais. Precisamos de ajudar os filhos a superar o complexo da autoridade dos pais e de ajudar os pais a libertarem-se do complexo de culpa em relação aos filhos. Dantes eram as culpas dos pais que recaíam sobre os filhos; hoje passa-se o contrário: são as culpas dos filhos que recaem sobre os pais! E nem uma coisa nem outra, em absoluto, são sensatas. Pelo contrário: o amor verdadeiro de um pai abre à liberdade do filho a possibilidade da sua rebelião. O verdadeiro pai é o que oferece ao filho a possibilidade de este lhe vir a dizer “*não*”. É verdade que o amor do Pai não gera nem espera o “*não*” (que é resposta livre do filho), mas torna-o realmente possível.

4. Por outro lado, queridos pais e demais educadores, queria dizer-vos isto: o caminho da rebelião dos filhos (ou dos alunos) não é necessariamente um caminho sem saída. Pode conduzi-los a um futuro de paz, pelo que a virtude principal dos pais e educadores, contestados ou rejeitados pelos filhos, é a esperança de um caminho sempre aberto. Depois dos fechamentos e dos longos silêncios, de um lado ou do outro, é bom recuperar o encontro, mesmo se ainda habitado por conflitos, que podem tornar-se estímulo de um novo equilíbrio. Não desanimemos.

5. Tal como em família, também na Igreja, na escola e na sociedade, a parábola enche-nos de esperança numa mudança positiva: nunca devemos renunciar ao encontro, ao diálogo, a procurar novas vias, para caminharmos juntos: pais e filhos, avós e netos, crentes e não crentes, uns e outros. Caminhemos todos juntos, nas diferenças que nos distinguem, mas que não apagam nunca a consciência da nossa abençoada pertença comum ao Pai, que faz de nós “*todos família, todos irmãos*”.

**Credo** (resposta cantada)

P. E agora, digamos «sim», cantando «creio, creio, ámen». Numa só alma e num só coração, vamos dizer um «sim», pelo qual a nossa língua, o nosso coração e a nossa vida, proclamam que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai:

P. Credes em Deus, que é vosso Pai, cheio de ternura e misericórdia, pronto a perdoar e a confiar-vos os seus bens?

R. Creio, creio. Ámen!

P. Credes em Jesus Cristo, o Filho de Deus, obediente até à morte, exaltado pelo Pai, na sua ressurreição de entre os mortos?

R. Creio, creio. Ámen!

P. Credes no Espírito Santo, que edifica a Igreja como um só Corpo, em que todos os membros vivem como um só coração e uma só alma?

R. Creio, creio. Ámen!

**Preces**

P.Deus de bondade e fonte de Vida, ouvi as súplicas dos Vossos fiéis, hoje reunidos em Vosso nome:

1. Pela Santa Igreja: para que a autoridade da sua Palavra seja firmada pelo exemplo da sua vida. Oremos, irmãos.
2. Pelos que governam: para que procurem, em diálogo com todos, respostas justas e criativas à crise pandémica, que fere de dor o nosso mundo. Oremos, irmãos.
3. Pelos que combatem a pandemia da COVID-19: para que sejam apoiados, reconhecidos e acompanhados na sua luta pela vida das pessoas. Oremos, irmãos.
4. Pelo bom êxito do novo ano laboral, escolar e pastoral: para que a crise pandémica estimule a conversão salutar dos nossos hábitos de vida, conduza à transformação fraterna das nossas relações sociais e desperte a corresponsabilidade da família no anúncio da fé e na educação dos filhos. Oremos, irmãos.
5. Por todos os que disseram «sim» no dia do seu Batismo, da Primeira Comunhão, da Profissão de Fé, do Crisma, do Matrimónio ou da Ordenação: para que permaneçam lives e fiéis ao «sim» do primeiro amor. Oremos, irmãos.
6. Por todos nós: para que sirvamos o Reino de Deus, na vinha do Senhor, com prontidão, alegria e generosidade. Oremos, irmãos.

P. Ó Deus, que na humildade do Vosso Filho, obediente até à morte e morte de Cruz, Vos destes por inteiro a nós, renovai esse dom atendendo às preces que hoje Vos apresentamos. Por NSJC…R. Ámen.

Liturgia Eucarística

**Apresentação dos dons | Oração sobre as oblatas**

**Oração Eucarística:** V/D; «Jesus passou fazendo o bem»

**Ritos da Comunhão**

***Recomendações antes da distribuição da comunhão*** *(cf. folha plastificada)*

**Ritos Finais**

**Avisos**

1. Há Missa todas as segundas-feiras, às 16h00. Esta Missa pode servir de cumprimento ao preceito dominical, sobretudo para as pessoas mais idosas ou de risco, que devem evitar as assembleias dominicais mais participadas.
2. Conselho Paroquial de Pastoral realizar-se-á a 29 de setembro, às 21h30. Entre os assuntos em discussão estará a proposta de mais uma missa dominical, às 09h00 da manhã, excecionalmente, em tempo de pandemia.
3. A Catequese paroquial começará, presencial ou digitalmente, consoante os grupos, a 10 e a 11 de outubro. Cada grupo de catequese terá **apenas um encontro presencial por mês** e os demais fins de semana serão preenchidos ora por uma catequese por via digital, ora pela proposta de uma Liturgia familiar em grupo, ora por outras propostas pastorais, que envolvam catequizandos e famílias. **Para conhecerem com precisão os horários e dias da catequese presencial e o projeto de catequese para o respetivo ano, pede-se a um dos pais de cada um dos catequizandos, que participe numa reunião orientada pelo pároco e com a presença dos catequistas, segundo este esquema de encontros:**
4. Para pais dos catequizandos do 1.º ano: segunda-feira, feriado, dia 5 de outubro, às 10h00.
5. Para pais dos catequizandos do 2.º ano: segunda-feira, feriado, dia 5 de outubro, às 21h00.
6. **Para pais dos catequizandos do 3.º ano: segunda-feira, dia 28 de setembro, às 21h00.** [já nesta semana]
7. Para pais dos catequizandos do 4.º ano: terça-feira, dia 6 de outubro, às 21h00.
8. Para pais dos catequizandos do 5.º e 6.º anos: quarta-feira, dia 7 de outubro, às 21h00.
9. Para pais dos catequizandos do 7.º ao 10.º anos: quinta-feira, dia 8 de outubro, às 21h00.

Nestes encontros os pais conhecerão melhor este projeto, os horários, os catequistas e as modalidades de catequese.

***Recomendações depois dos avisos e antes da despedida*** *(cf. folha plastificada)*

**Bênção**

**Despedida**

P. (Diácono): Filho, filha, ide hoje trabalhar na vinha do Senhor! Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

R. Graças a Deus.

**OUTRAS HOMILIAS**

**XXVI DOMINGO COMUM A**

**Homilia no XXVI Domingo Comum A 2017**

1. E o Pai não se cansa de nos convidar a trabalhar na vinha, que é d’Ele e é nossa, campo aberto de alegria e de liberdade: “*Filho, vai hoje trabalhar na vinha*” (Mt 21,28). Este Pai, que não é patrão, trata-nos a todos carinhosamente como *filhos,* com as nossas semelhanças e diferenças, mas nunca como assalariados! Pede-nos que dêmos uma resposta «*hoje*», pronta e inadiável, sem desculpas. Trata-se, tal como no trabalho na vinha, de um serviço onde predomina a festa e a alegria. É também neste espírito que somos desafiados “a *uma nova etapa evangelizadora marcada pela alegria do evangelho*” (EG 1), que é uma alegria missionária, traduzida “*na doce e reconfortante alegria de alegria de evangelizar”* (EG 9; EN 80).

2. Mesmo sabendo que esta *vinha* não se confina ao interior e ao adro da Igreja, permite-me, caríssimo irmão, caríssima irmã, elencar os grupos paroquiais, onde podes servir a comunidade, para que a tua vida cristã se concretize na capacidade de *fazer* alguma coisa pela edificação do Reino de Deus, na Igreja e no mundo! Falemos então um pouco dos grupos que já temos e precisamos de revitalizar, mas também de grupos que ainda não temos e precisaremos de criar.[[1]](#footnote-1)

**3.** Mais uma vez, quero fazer notar: aqueles que, por causa da idade e da doença, de compromissos pessoais, familiares ou profissionais, não podem colaborar num serviço concreto na vida paroquial, também esses, na sua própria casa, a cuidar da educação cristã dos filhos e a assistir os mais frágeis, ou a sofrer no seu leito de dor, ou a dar o seu melhor no trabalho de transformação do mundo… são chamados a rezar, a interceder e a oferecer o seu suor ou o sofrimento, pela vida da Igreja e pela salvação do mundo. E, deste modo, devem também eles “*sentir-se inseridos a pleno título na vida e missão da Igreja*”. Na retaguarda da missão, estão os que mais sofrem; são eles, aliás, a nossa reserva espiritual, o nosso mais rico património “*e não devem envergonhar-se de ser o tesouro precioso da Igreja*” (Papa Francisco, *Alocução aos doentes*, Fátima, 13.05.2017).

4. Que todos e cada um, movidos pelo amor de Deus, se sintam em estado permanente de missão (cf. EG 25), dizendo a si mesmos: “*Eu sou uma missão na minha terra”* (EG 273), na minha casa, na minha cama, na minha escola, na minha empresa, na minha freguesia, na minha associação, na minha paróquia! Onde houver alegria a partilhar, vida a oferecer e bem a fazer, aí está o trabalho do amor, aí está a vinha do Senhor!

5. “*Filho, vai hoje, para a vinha*”! Só há uma resposta boa: a do Filho de Deus: dizer “sim” e fazer, de facto, a vontade do Pai!

***HOMILIA DO SANTO PADRE***

*Domingo, 1.° de outubro de 2017*

Hoje provoca-nos com a parábola dos dois filhos, que quando o pai pede para irem trabalhar na sua vinha respondem: o primeiro, não, mas depois vai; o segundo sim, mas acaba por não ir.

Há contudo uma grande diferença entre o primeiro filho, que é preguiçoso, e o segundo, que é hipócrita.

Procuremos imaginar o que aconteceu dentro deles.

No coração do primeiro, depois do não, ressoava ainda o convite do pai; no segundo, ao contrário, não obstante o sim, a voz do pai estava sepultada. A recordação do pai arrancou o primeiro filho da preguiça, enquanto o segundo, mesmo conhecendo o bem, desmentiu a palavra com a ação. Com efeito, tinha-se tornado impermeável à voz de Deus e da consciência para abraçar uma vida dupla.

Com esta parábola, Jesus põe dois caminhos diante de nós, que — experimentamo-lo — nem sempre estamos prontos para dizer sim com as palavras e com as obras, porque somos pecadores. Mas podemos escolher **ser *pecadores a caminho***, que permanecem à escuta do Senhor e quando caem arrependem-se e levantam-se, como o primeiro filho; ou **ser *pecadores sentados*,** prontos a justificar-se sempre e só com palavras segundo o que convém. Em síntese, no caminho de cada um há duas possibilidades: **ser *pecadores arrependidos*ou *pecadores hipócritas*.** Mas o que conta não são os raciocínios que justificam e procuram salvar as aparências, mas um coração que vai em frente com o Senhor, luta todos os dias, arrepende-se e volta para Ele. Porque o Senhor procura *puros de coração*, não *puros “na aparência”*.

Jesus dirigiu esta parábola a alguns chefes religiosos da época, que eram semelhantes ao filho da vida dupla, enquanto as pessoas comuns se comportavam muitas vezes como o outro filho. Estes chefes sabiam e explicavam tudo, de modo formalmente irrepreensível, como verdadeiros*intelectuais da religião*. Mas não tinham a humildade de ouvir, a coragem de se questionar, a força de se arrepender. E Jesus é muito severo: diz que até os publicanos os precedem no Reino de Deus. É uma reprovação forte, porque os publicanos eram corruptos traidores da pátria. Qual era então o problema destes chefes? Não erravam em algo, mas sim no modo de viver e de pensar diante de Deus: eram, por palavras e com os outros, guardas inflexíveis das tradições humanas, incapazes de compreender que a vida segundo Deus é *a caminho* e requer a humildade de se abrir, de se arrepender e de recomeçar.

**E isto o que nos diz?** Não existe uma vida cristã que se pode planear, cientificamente construída, onde é suficiente cumprir alguns ditados para ficar com a consciência tranquila: *a* ***vida* cristã é um caminho humilde** com uma consciência que nunca é rígida mas está sempre em relação com Deus, que sabe arrepender-se e entregar-se a Ele na suas pobrezas, sem nunca presumir que é autossuficiente. Assim se superam as edições revistas e atualizadas daquele mal antigo, denunciado por Jesus na parábola: a hipocrisia, **a vida dupla**, o clericalismo que se faz acompanhar pelo legalismo, o afastamento do povo.

**A palavra-chave é *arrepender-se*:** é o arrependimento que permite não ser rigoroso, transformar **o *não*** a Deus em*sim*, e o ***sim*** ao pecado em *não* por amor do Senhor.

**A vontade do Pai, que todos os dias fala delicadamente à nossa consciência, só se cumpre na forma do arrependimento e da conversão contínua.**

Mas ao mesmo tempo é atual: a parábola recorda-nos também as relações, nem sempre fáceis, **entre pais e filhos.**

Hoje, na velocidade com a qual se muda de uma geração para outra, sente-se mais necessidade de **autonomia do passado, por vezes até à rebelião**. Mas, depois dos fechamentos e dos longos silêncios de um lado ou do outro, é bom **recuperar o encontro**, mesmo se ainda habitado por conflitos, que podem tornar-se estímulo de um novo equilíbrio. Assim como em família, também na Igreja e na sociedade: **nunca renunciar ao encontro, ao diálogo, a procurar novas vias para caminhar juntos.**

No caminho da Igreja surge muitas vezes a pergunta: para onde ir, como ir em frente? Gostaria de vos deixar, como conclusão deste dia, três pontos de referência, três “P”.

O primeiro é *a Palavra*, que é a bússola para o *caminhar humilde*, para não perder o caminho de Deus e cair na mundanidade.

O segundo é *o Pão*, o Pão eucarístico, porque tudo começa na Eucaristia. É na Eucaristia que se encontra a Igreja: aqui, no Corpo de Cristo partilhado por pessoas pecadoras e necessitadas, que contudo se sentem amadas e então desejam amar. Parte-se daqui e assim reencontramo-nos todas as vezes, este é o início irrenunciável do nosso ser Igreja.

Por fim, o terceiro: *os pobres*. Infelizmente ainda hoje tantas pessoas não têm o necessário. Mas há também muitos pobres de afeto, pessoas sozinhas e pobres de Deus. Em todas elas encontramos Jesus, porque Jesus seguiu no mundo a via da pobreza, da aniquilação, como diz São Paulo na segunda Leitura: «Despojou-se de si mesmo assumindo a condição de servo» (*Fl*2, 7). Da Eucaristia aos pobres, vamos ao encontro de Jesus. «Se partilhamos o pão do céu, por que não partilhar o terrestre?».

A Palavra, o Pão e os pobres: peçamos a graça de nunca esquecer estes alimentos-base, que amparam o nosso caminho.

**HOMILIA NO XXVI DOMINGO COMUM A 2014**

*Que vos parece?!* Pergunta Jesus aos seus interlocutores, nesta parábola, tão simples, que quase nos parece um conto infantil! E eu vou dizer-vos o que me parece, neste início de ano escolar e pastoral! Aqui vão três observações, que julgo pertinentes:

**1.** A primeira é uma palavra de advertência para mim, para os pais, professores, catequistas e demais educadores cristãos: é preciso cultivar e conquistar, uma autoridade moral, com base na prática concreta dos gestos, e não fiada ou iludida na fluência ou influência das palavras! “*Palavras leva-as o vento”*! Às palavras, devem preceder e prevalecer os factos; aos princípios morais deve corresponder uma conduta coerente. Não há melhor ensinamento, do que o exemplo pessoal. Isto é realmente óbvio. Mas esquecemo-lo facilmente.

**2**. A segunda observação, em compensação, é uma palavra de consolação e de esperança, sobretudo aos pais. Vede bem: até Deus Pai, o Pai celeste, o Pai perfeito, parece “fracassar” na sua missão educativa! Também Ele, de repente, vê os seus filhos, os mesmos que tantas vezes lhe disseram «sim», a virar as costas, a bater a porta, a escolher outro caminho! Também Deus, o Pai bom, de quem procede toda a paternidade (Ef.3,14-15), topa com um «*não de facto*», da parte de um filho seu. E isto deve consolar a tantos pais, a quem tantas vezes, se quer culpabilizar exclusivamente pelas escolhas dos filhos. Nem sempre são os pais, os responsáveis pelas opções dos filhos! Pelo contrário, um amor real, autêntico, dá aos filhos a possibilidade de dizerem «não». O amor verdadeiro não cria, nem quer, o «não», mas torna-o possível! E, por outro lado, a parábola também dá aos pais e aos educadores cristãos a esperança de que esse «não» seja necessário e temporário. Às vezes, no percurso dos filhos, este «não» pode ser salutar, por ser autêntico, por fazer parte de uma crise inevitável, no seu processo de crescimento. Curiosamente, como o percebemos, no final da parábola, Jesus tinha uma misteriosa simpatia pelos rebeldes, pelos desalinhados, pelos fora-da-lei. Há, na verdade, alguns que se tornam rebeldes, por amor, que vivem uma fidelidade ferida e sofrida, e de quem ainda se pode esperar uma mudança, na melhor direção. Estes rebeldes são preferíveis aos meninos alinhados, encadernados, obedientes por desafeto, que, tantas vezes, vivem uma fidelidade de fachada! Por isso, o caminho da rebeldia nem sempre é um caminho sem saída. Eis porque, em todo o caso, a virtude principal dos pais continuará a ser a da esperança! Os verdadeiros pais não perdem a esperança, no arrependimento dos filhos, rezam para que isso aconteça e procuram, sobretudo, dia a dia, ser coerentes, com o que dizem, para não perder a autoridade moral do seu testemunho.

**3.** A terceira observação é mais de caráter pastoral! Devemos ser mais ousados, em “*procurar os afastados, em convidar os excluídos”* (EG 24). Muitas vezes, os que nos parecem dizer “não”, os que nos parecem pouco recomendáveis, tal como Zaqueu (Lc.19,1-10), estão à espera que passemos debaixo da árvore das suas vidas e os convidemos a descer, para seguir Jesus e O servir com todas as suas riquezas. Muitas vezes, são esses, de quem nada se esperaria, de quem se julgava nem valer a pena chamar e convidar… que agarram e aproveitam a oportunidade, a graça do chamamento e do envio e fazem a vontade do Pai.

E se “*ousássemos, um pouco mais, no tomar a iniciativa*”? (EG 24). Que vos parece?!

**Homilia no XXVI Domingo Comum A 2011**

**1.** A parábola é uma das mais claras e simples! Diante de Deus, o mais importante não é falar, mas sim «fazer»; não é decisivo o prometer ou confessar, mas sim cumprir a vontade de Deus. Já o dizia Jesus, na conclusão do Sermão da Montanha: “*Nem todo aquele que diz «Senhor, Senhor» entrará no Reino dos Céus, mas sim aquele que faz a vontade de meu Pai*” (Mt.7,21). Estes dois grupos estão alinhados na parábola dos dois filhos: o que diz «sim» e não faz a vontade do Pai e o que diz «não» e, arrependendo-se, acaba por «fazer» tal vontade. Jesus referia-se no primeiro caso, aos profissionais da religião do seu tempo, que não se cansavam de dizer «ámen» no templo, mas que não se converteram e não aderiram à Palavra de Jesus e à justiça nova do seu Reino. No segundo caso, estavam os publicanos e os pecadores e as mulheres de má vida, que nem «*ámen*» sabiam dizer, e cuja vida parecia uma negação de Deus, mas que se arrependeram e acabaram por acreditar em Jesus e cumprir a vontade do Pai. Estes compreenderam melhor a escandalosa bondade de Deus, que fazia deles os seus eleitos. E vão adiante de nós no reino: não pelos seus pecados, mas pela sua conversão e adesão a Cristo.

**2.** Uma coisa fica muito clara: o que importa é o que se faz e como se vive realmente, aqui e agora! Não são os feitos gloriosos do passado, nem as palavras bonitas do presente. Não basta uma religiosidade «*da boca para fora*», de rezas e cânticos contínuos, se tal não corresponde ao esforço de uma vida diária, conforme à vontade de Deus. Quantas vezes a vida dos cristãos fica como que cortada em dois! Actuam, organizam-se e vivem como os outros no decorrer dos dias; e ao domingo dedicam algum tempo a prestar culto a um Deus, que está ausente das suas vidas durante o resto da semana. Cristãos que se desdobram e mudam de personalidade, conforme se ajoelham ou se entregam às suas ocupações diárias. Deus não entra na sua vida familiar, nas suas relações sociais, nos seus projectos ou interesses. A fé é assim convertida num costume, num reflexo, num «*relaxamento semanal*», num luxo de fim de semana. O que se opõe à verdadeira fé não é, muitas vezes, a descrença, mas a falta de coerência entre o ser, o dizer e o fazer!

**3.** Estamos a iniciar um novo ano escolar, laboral e pastoral. O desafio desta coerência entre o ser, o dizer e o fazer, é claro para os pais e educadores, a quem se pede um grande esforço de coerência entre o “*sim”* dado, a palavra dita, e a vida feita de todos os dias. Na verdade, podeis estar certos: “*A autoridade do «mestre», em educação, passa mais pelo que ele vive e faz**e não só pelo que diz (…). Educar, como processo de conduzir e alimentar, não é substituir-se ao educando: é caminhar com ele. Nesse caminho comum, os modelos e a palavra testemunhada pela vida têm lugar relevante, mesmo insubstituível. Na tradição cristã, o testemunho faz parte essencial do anúncio: o ser é o processo mais eficaz e o suporte didáctico mais autêntico do aprender a ser – «crê o que lês, ensina o que crês, vive o que ensinas». O testemunho da vida é assim a forma simples e espontânea de irradiar valores e a credencial das palavras que se comunicam* “ (CEP, *Educação: Direito e dever*, 14).

**4.** Num ano, em que as nossas famílias querem crescer como Igreja doméstica e a nossa Paróquia quer crescer como “família de famílias, casa de comunhão”, fixemos os nossos olhos na Sagrada Família de Nazaré, em Jesus, Maria e José!

Jesus fez a vontade do Pai, até ao extremo do amor, na sua entrega por nós! Maria escutou e disse um «*faça-se*», que cumpriu pela vida inteira, numa história de poucas palavras. José não disse nada, mas «fez tudo», como o anjo lhe ordenara. O problema não é, portanto, dizer ou não dizer.

Fazer ou não fazer, eis agora a questão!

**Homilia no XXVI Domingo Comum A 2008**

***Tende, entre vós, os mesmos sentimentos de quem está em Cristo Jesus!***

**1.** Paulo fala-nos, do coração ao coração, sempre e com particular vigor neste Ano Paulino! Parece-me vê-lo, agora, diante de mim, perante vós, com aqueles sentimentos de ternura e de misericórdia, gritar a toda a assembleia aqui reunida: “*Tende, entre vós, os mesmos sentimentos de quem está em Cristo Jesus”*! É este, de facto, um apelo insistente do Apóstolo, um grito de alerta vermelho, da cor do sangue! E não se trata simplesmente de nos propor a obediência de Cristo, como modelo a imitar, ou a Sua humildade, como exemplo a seguir. Trata-se precisamente de ter os sentimentos próprios de quem vive em Cristo, de quem vive de Cristo, de quem vive por Cristo e com Cristo. Assim, para Aquele que «*está em Cristo*», é possível desde já que os mais rasos sentimentos de *superioridade, rivalidade e vanglória*, possam elevar-se e transformar-se em sentimentos de *humildade, generosidade e serviço aos outros*!

***Tende, entre vós, os mesmos sentimentos de quem está em Cristo Jesus!***

**2.** Assim, mais que uma recomendação piedosa,esteé um pedido urgente! Uma urgência de outrora! Uma emergência de sempre. Paulo, que experimentou, entre os filipenses, alguma consolação e conforto na caridade, vela e zela continuamente pela comunhão entre os filipenses, por aquela comunhão no Espírito Santo, que une pensamentos, sentimentos e vontade, une vidas e pessoas, no mesmo pensar, no mesmo querer e no mesmo agir. Só essa comunhão faz da comunidade dos crentes, “*uma só alma e num só coração*”. Mas este ideal está sempre em risco. Por isso, Paulo põe a sua comunidade, e a nossa, de “*sobreaviso*”, quantos a esta espécie fatal de vírus, que mina e contamina a comunhão, ruindo e arruinando tanta coisa boa, construída até então, nesta sua mais querida comunidade!

***Tende, entre vós, os mesmos sentimentos de quem está em Cristo Jesus!***

**3.** Quais são afinal estes sentimentos? No Hino, que logo a seguir nos apresenta Cristo, São Paulo insiste nos sentimentos próprios do Filho: a ***humildade e a obediência***! E a **obediência** é precisamente a plena conformidade, entre a **vontade do Pai e a vontade do Filho**. Aliás, na parábola do evangelho, o que ressalta é este **sentimento filial de obediência** à vontade do Pai! A pergunta de Jesus não é sobre quem fez mais, ou sobre quem não fez nada?! A pergunta é sobre «*qual dos dois fez a vontade do Pai*»? Ora, outra não a vontade do Pai, senão a de que vivamos como filhos seus, como irmãos, que partilham entre si, os sentimentos próprios de quem está em Cristo, seu Filho!

**4.** *Meus queridos irmãos e irmãs, minha alegria e minha coroa!*

Estamos a começar um novo ano pastoral. E talvez me fosse mais fácil e prático, dizer-vos, hoje: «*pensai todos e cada um no que podeis fazer na comunidade e pela comunidade*», ou, na «*vinha e pela vinha do Senhor*»! Todavia, o apelo de Paulo e a pergunta da parábola, conduzem-nos, a outra prioridade, a outro sentido: «*tende, entre vós, os mesmos sentimentos de quem está em Cristo Jesus*». Isto mesmo é a base da comunhão, sem a qual, nada do que fazemos na Igreja, faz alguma coisa pela Igreja. De facto, por muito que se faça, na Igreja, nada feito, se cada um não cultivar, na humildade e na caridade, a comunhão com a Igreja. Mas esta comunhão de sentimentos, brota da nossa *vida em Cristo*! Só essa íntima e vital comunhão pode transformar sentimentos de humildade em serviço concreto, no interesse dos outros.

*Meus queridos irmãos e irmãs, minha alegria e minha coroa!*

**5.** Não vos peço já que façais muitas coisas, mas que as façais com *os sentimentos próprios de quem está em Cristo Jesus*. Assim, sejamos, em primeiro lugar, capazes de sofrer juntos pelo Evangelho, na mesma dor e no mesmo amor! Sejamos capazes, entre nós, de dar e de receber alguma consolação e algum conforto na caridade! É isso que mais importa. Pois, na «vinha do Senhor», não somos trabalhadores à espera de um salário, mas filhos, a quem é confiada a vinha, como herança! Na «*vinha do Senhor*», não trabalhamos, sequer como empregados de um qualquer patrão! Aquele que nos chama e envia é nosso Pai! Assim, o cultivo da vinha, comece, este ano, pela cultura de um coração, lavrado pelo Espírito do Amor, donde brotem os sentimentos de Cristo Jesus! Assim nos havemos de tornar “*humildes trabalhadores da vinha do Senhor*”!

# HOMILIA NO XXVI DOMINGO COMUM A 2005

Iguais, no dito por não dito. Desiguais, na palavra dada! A parábola dos dois filhos, atinge em cheio, o dividido auditório de Jesus!

**1.** Há os que toda a vida disseram «*ámen*», a bater a penitência no peito dos outros, mas que, na hora da chamada, fogem a sete pés, dando o dito por não dito. A classe religiosa e política de Israel, que passava o santo dia a dizer «*Senhor, Senhor*», revê-se no segundo filho da parábola. Homens de virtudes públicas e vícios privados. Casta de coração incorrigível, indisposta à mudança, para quem o cargo e a devoção, não passam de um bom proveito! E a palavra dada reduz-se a um discurso de circunstância, a invocar, três vezes ao dia, o santo nome de Deus em vão!

**2.** Mas há também os que toda a vida, andaram por fora dos circuitos do templo, com má fama de descrença, os “mal-amados”da sociedade, a merecer o desprezo devoto dos “*príncipes dos sacerdotes e anciãos do povo*”, perante tais *vícios públicos*. Mas são muitos desses, e primeiro entre esses que, perante o apelo à conversão, revelam *virtudes privadas*. Na melhor oportunidade, sacodem os pés, ao pó entranhado do passado de miséria para entrar no caminho da justiça. Deste modo, se convertem à vontade de Deus e acolhem a graça da sua misericórdia. *Os publicanos e as mulheres de má vida*, que arrepiaram caminho, ao escutar a parábola, revêem-se no *primeiro filho*, que acaba por dar ouvidos, não à palavra dada, mas à Palavra recebida, com alegria!

# 3. Esta parábola, como palavra aberta à inteligência e às circunstâncias dos ouvintes, terá, por certo muitas leituras, no espaço e no tempo, mas não se adivinha nada difícil, a sua oportunidade, nesta época de campanha eleitoral. De facto, «*paira no ar a dança das palavras e das imagens, exibem-se cartazes gigantes, com fotos de personagens de olhar generoso e frases arrojadas*» (António Rego). Não pode, por isso, ser mais certeira, no evangelho, a advertência para aquilo a que poderíamos chamar o risco de *aviltamento da Palavra* ou, se quiserem, o perigo da *palavra profanada*, em qualquer promessa espontânea, num discurso ilusionista, sem o mínimo respeito pelas pessoas, e sem o básico compromisso, com aquela verdade do que realmente se pode dizer e fazer. E que, depois, não é, como se espera, o «*dito e feito*», mas o *dito por não dito*, e não raro, com direito ao contraditório e, em último recurso, a invocação do santo nome de Deus em vão! A palavra é assim deteriorada, por falta de correspondência entre palavra e pessoa, entre palavras e factos, entre palavra e situação, entre palavra e modo de vida. Isso põe de manifesto, uma enorme dificuldade, em *dizer a verdade*. E hoje é tanto mais difícil dizê-la, quanto mais se despreza ouvi-la!

# 4. Nesta fumarada das palavras, com os malabarismos da linguagem de propaganda, exige-se, de quem «fala» um esforço de coerência, entre o dizer, o ser e o fazer. *“Toda a pessoa é chamada à sinceridade e à veracidade, no agir e no falar”.* E para isso, não há porque invocar o santo nome de Deus em vão! *«Os que seguem Jesus saberão evitar a duplicidade, a simulação e a hipocrisia”* (cf. Compêndio do CIC, 521) sem precisar de trazer sempre o “credo” na boca*.*

5. Mas se é pedido a quem fala, a recta palavra, isto é, a coerência entre *o dizer, o ser e o fazer*, também se exige de quem *escuta* um esforço de discernimento e avaliação. Não faz qualquer sentido, colocar na primeira linha dos atributos políticos, a ausência de escrúpulos, a habilidade para dizer e desdizer, ou mesmo a opacidade em ideias e princípios, por troca duma eficácia imediatista, com fins à vista, sem reserva de meios.

6. Foi o profeta Ezequiel que primeiro nos advertiu, que a culpa do mal não vem toda de trás. E que há uma responsabilidade individual, na construção do bem comum. Por isso, nesta hora, é tão importante o empenhamento ético dos políticos, como o das populações que os elegem. Os políticos saem do povo e deles são reflexo! Se alinhamos, «*em papas e bolos*», e na festa da *espuma das palavras*, não podemos pedir nem contar que os candidatos se esforcem, por nos dizer a verdade e nos levar a sério! Todos, políticos e eleitores, constroem a cidade, a partir da dignidade inalienável da *consciência* de cada um, que é ”*o centro mais secreto e o santuário do homem*” (GS16). É aí que se deve deitar a mão!

# Homilia no XXVI Domingo Comum A 2002

# 1. Dizer «sim» à primeira, é coisa que fazemos com facilidade. Não medimos o significado nem as consequências. Sai-nos da boca para fora, quando não sai, inclusive, pela dos outros. Mas dar, pela vida fora, o corpo ao manifesto, por esse «sim» inicial, é que parece coisa de poucos.

# Jesus adverte-nos, na parábola, para o risco de passarmos a vida a dizer «sim, senhor», mas quando chegar a hora de dar a cara e «arregaçar» as mangas da camisa, encontrarmos sempre razões para dizer «não» e voltarmos assim atrás.

# O Povo de Israel, sobretudo os seus líderes religiosos, representados no segundo filho, sempre diziam «ámen» a tudo e a todos. Mas quando chegou a hora de dar o «Sim» àquele que o Pai enviou, disseram «não» e recusaram-n’O. Por isso, Jesus dirá mais tarde: «nem todo aquele que diz, “Senhor, Senhor” entrará no Reino dos Céus, mas somente aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos Céu» (Mt.7,21). E insiste, noutro passo da Escritura, contra a hesitação, a mentira e a desistência: “seja o vosso falar «sim, sim; não, não». O que for além disto, vem do Maligno” (Mt.5,37).

# 2. São Paulo dirá de Jesus Cristo que Ele não foi um «sim» e um não», mas unicamente um «sim». N’Ele todas as promessas de Deus se tornaram um «sim» (II Cor.1,20). Jesus foi sempre o «sim» de Deus. O sim da fidelidade. O «sim» da obediência filial. O «sim» da entrega e do serviço, que vai do nascer ao morrer, do princípio ao fim da sua vida. De facto, diz o autor da Carta aos Hebreus, «ao entrar neste mundo, Cristo diz: «Eis que venho, ó Deus, para fazer a tua vontade» (Heb.10,5; Sal.40,7-9) e ao partir para o Pai, a sua palavra última é a de sempre: «Eis-me aqui, ó Deus, para fazer a vossa vontade». Toda a sua vida foi isto. Disse e fez. Fez ao dizer. Disse ao fazer.

# 3. À luz desta Palavra, é preciso meditarmos no «sim», dado por Deus e por nós, não como uma resposta impensada, na ponta da língua, mas como palavra de coração que transforma, de verdade, a vida. Há, de facto, o primeiro «sim» do Baptismo... em que fomos enxertados em Cristo. Mas é preciso que esse "sim" inicial se confirme, depois, num verdadeiro empenho na "vinha" do Senhor, onde somos chamados como filhos e nunca tratados como trabalhadores.

# É este «sim» que alguns jovens das nossas comunidades renovam hoje e confirmam, por ocasião da celebração do seu Sacramento do Crisma. Primeiro é Deus que lhes «confirma» o seu «sim», oferecendo-se, agora, como Dom pessoal, no Espírito Santo, para melhor os capacitar a dizer «sim», sempre e cada vez mais, a Cristo e à sua Igreja.

# E muitos de nós já demos este ‘sim”, rápido e pronto, com o propósito generoso de servir a Igreja, mas depois é preciso «andar da perna», assumir responsabilidades, ir até ao fim, mesmo quando é difícil e corre mal, mesmo quando não é o que queria ou esperava. Mesmo quando isso pede a oblação do meu corpo, até ao limite das minhas forças.

# Há, depois, o «sim» do dia da celebração do casamento, a exigir o «sim» das horas de todos os dias de casados e de cansados.

# 4. Numa palavra: não bastam palavras e declarações de boas intenções; é preciso viver, dia a dia, os valores do Evangelho, «tendo, em nós, os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus» (Fil.2,1-5): como Filho, obedecia, humildemente. Como Filho servia desmedidamente, a Deus por amor dos homens, até à morte e morte de Cruz.

# Caríssimo: Deus já disse que «sim». E espera agora a tua conversão por certa vez lhe teres dito que não. Queira Deus consumar o bem que em Ti começou!

**XXVI Domingo do Tempo Comum A**

**1. Do peso do passado...**

É Outono. Invade-nos a memória das coisas vividas. Caem as folhas, colhem-se os frutos. O passado parece entregar-se às nossas mãos, amadurecido pelo tempo. E na melancolia de um Sol tímido, cor de prata, espreita-se o peso de um passado. Servimo-nos do passado como arma de desculpa no erro e como bandeira na vitória. Para desculpar os defeitos do presente dizemos que isto já vem de longe, de família, coisas da terra. Dizemos, para justificar defeitos e pecados, que isto «está-nos na massa» e assim alijamos para o passado a responsabilidade do presente. Outras vezes é a glória do passado que nos engrandece e então, sem mérito presente, elevamos a nossa condição, o nosso nome e a nossa terra com figuras ilustres do passado, acontecimentos históricos de relevo, etc. Sempre o passado a explicar e a justificar o mal ou a elevar a nossa condição no presente. Ora, o passado não é necessariamente um peso, uma pedra atada aos pés que temos de carregar fatalmente. É verdade que o passado tem muito peso na forma de ser da vida de cada pessoa ou de cada comunidade.

**2. ...à responsabilidade livre no presente...**

Mas, na liberdade de criar o presente, é preciso dizer com toda a força que o passado não nos dá garantido o futuro, como também não pode hipotecar o presente. No presente, aqui e agora, herdeiro do passado, o homem deve assumir a responsabilidade que tem de livremente optar por caminhos diferentes. Ou então seríamos apenas restos do passado. E não construtores do presente. Mergulhado ma miséria do exílio, fora da sua terra, o povo pôs-se a dizer que tudo era culpa dos pais. Que, no passado, lhes forjaram como herança um presente de condenação. «*Os pais comeram uvas verdes e a boca dos filhos é que ficou áspera*». O profeta Ezequiel destrói pela raiz esta desculpa. O exílio não é castigo de nenhum passado. Ninguém está amarrado pelo seu passado a um destino inexorável de graça ou de desgraça, porque Deus não tem qualquer prazer na morte do pecador. Antes quer que ele se converta e viva. E o homem enquanto viver estará sempre a tempo de acolher ou rejeitar esta oferta da graça de Deus. Por isso o profeta deixa o apelo de Deus à conversão. Cada um terá de refazer o seu caminho. O passado não pode ser um estorvo nem uma desculpa. Há o arrependimento que introduz o homem numa vida nova em absoluto. Um simples «sim» dado hoje a Deus tem a força de anular um passado de miséria. Um simples «não» a Deus dado hoje destruirá todo um passado de glória. É que o passado também se abate, para o bem e para o mal. Como no Evangelho, com dois filhos arrependidos.

**3. ...de lançar as bases de um novo futuro!**

Em Amarante há uma memória do passado, que justifica defeitos e inventa virtudes. Há, nesta terra, dois filhos. Uns, filhos da república, laicos e agnósticos, avessos e indiferentes ao cheiro da religião. A par, outros, filhos obedientes, de muita devoção e «consumo» nas coisas da Igreja. É hoje que Jesus vem à Cidade. E deixa ecoar o Evangelho no Templo e fora d’Ele. Quem serão os mais abertos à novidade do Evangelho? No presente, quem vai aderir melhor ao Evangelho? Os praticantes ou os não praticantes?

*Que a uns e a outros, que a todos, assista a magna liberdade de viver o presente sem vícios nem virtudes do passado*. Importa hoje um «sim» decidido ao Evangelho, à Igreja, para lançar as bases de futuro diferente, novo. E isto não se faz sem conversão. *Só «muda» e se arrepende do passado, quem tem a humildade de ser livre*. De juízos, costumes e olhares. Só a humildade de Cristo, Deus feito homem, nos dará a coragem para «nos libertarmos do passado» e hoje, hoje mesmo, com um «sim» transformar a Vida. Tende entre Vós os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus. Homem livre na sua Humildade.

#### Homilia no XXVI Domingo do Tempo Comum/A

*“Os publicanos e as mulheres de má vida irão adiante de vós para o Reino de Deus”!*

Dito e feito. Situado e sitiado em Jerusalém, Jesus enfrenta a resistência organizada da classe religiosa do velho Israel. É uma espécie de *raça* eleita, gente *fina* e segura, acomodada e envelhecida nas cadeiras do poder. São os príncipes dos sacerdotes e anciãos do povo, perfeitos profissionais da religião. São os que dizem e rezam «améns», os cheios de devoção e proveito... São estes que agora se recusam a acolher Jesus. Perseguem-n’O, com medo da sua Palavra, espada afiada que os feria de morte. Seguros do seu passado, não querem mudar as regras de jogo. Tornam-se insensíveis a qualquer apelo de mudança, fechados à novidade, indispostos à conversão... O seu passado de glória vê-se agora transformado em risco de perdição. Estes ficam para trás... no caminho do Reino.

Adiante deles, do outro lado da margem, estão os pecadores. Os desgraçados, os filhos perdidos, as vítimas do poder e do pecado de todos: entre eles, *os publicanos e as mulheres de má vida*. Esses tais que nem rezavam «ámens» e carregavam, humilhados, o peso de um passado ferido de miséria. Esses não tinham nada a perder. Acolheram o grito de mudança, proclamado pelo Baptista, e entregam-se agora à causa de Jesus. Arrependidos, encontram em Jesus a força da sua liberdade e vão à frente no caminho do Reino. *“Os publicanos e as mulheres de má vida irão adiante de vós para o Reino de Deus”!*

E vão adiante porque a sua miséria não é sinónimo de podridão. E vão adiante porque a sua rebeldia não se confunde com a desobediência. E vão adiante porque a sua fidelidade não se cumpre por desafecto. E vão adiante porque deixam para trás um passado que se abate... e não presumem garantido o seu futuro... E vão adiante porque há neles uma *dignidade* que se esconde por trás do pecado... enquanto noutros há o pecado que se esconde sob a capa de uma dignidade...(eclesiástica, política, social...) Sim, *“os publicanos e as mulheres de má vida irão adiante de vós para o Reino de Deus”!* Jesus sabia e conhecia a amargura das suas vidas, a concentração do vício alheio a minar-lhes o coração. Jesus não teme dizer que as *«mulheres de má vida vão adiante»...* E vão adiante porque a sua grandeza de alma, dorida e limpa, é maior do que a pacatez de espírito daqueles serôdios praticantes da religião habitual. E vão adiante, as mulheres de má vida,não pelo pecado cometido, mas pelo desejo de mudança. Vão adiante porque, ao apelo de conversão, acreditaram e mudaram de vida... São filhos e filhas da luz e da liberdade. Para trás e para longe do Reino ficam os escravos da obediência a patinar no pó acumulado da sua cegueira...

No fundo, a parábola do Evangelho e o pensamento referido pelo profeta conduzem-nos à certeza de que, para Deus, não há a fatalidade do passado nem para ninguém a garantia do futuro. Nenhum de nós é, para ele, um caso perdido... há sempre uma oportunidade de salvação... Mas resta também o aviso sério de que ninguém se julgue grande, incólume e seguro... porque estamos sempre sob o risco da perdição...

Caríssimos: o apelo da conversão é permanente é para todos. A atitude que nos resta neste jogo arriscado da vida é andar «bola baixa». Humildes no pecado, para acolher a misericórdia e encontrar a vida. Humildes na virtude, para não presumir de nada e vir a sucumbir na morte... *Se alguém se julga de pé, tenha cuidado, para não cair!...*

## **Homilia no XXVI Domingo Comum A 1999**

*Tende, entre vós, os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus!*

**1.** Este é o apelo insistente[[2]](#footnote-2) do coração do Apóstolo, ao coração da sua comunidade. Era preciso, era urgente, manter a unidade, salvar a caridade. Este é um apelo mais afectuoso, que sentimental. Uma exigência interior, mais que um pedido formal. Uma espécie de grito de alerta, mais do que uma recomendação. É mesmo um pedido de Paulo, com carácter de urgência. A divisão e a rivalidade, a vanglória e o interesse próprio, ameaçavam arruinar em três tempos a comunidade mais querida do Apóstolo. E punham em ferida o coração de Cristo!

É, por isso, a partir do coração de Cristo, que ele dirige este apelo. E fá-lo como que pedindo pelo que há de mais sagrado neste mundo: «pela consolação que há no Amor (do Pai), pelo conforto que há em Cristo, pela comunhão no Espírito Santo» (cf. Fil.2,1)., «*tende, entre vós, os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus!»...*

**2.** Não se trata, portanto, de manter à flor da pele um mero sentimento de ternura balofa, ou exibir por aí um coração de manteiga a desfazer-se em compaixão. São a ternura e a misericórdia de Deus, reveladas na Cruz de Cristo, que hão-de moldar e modelar o coração dos Filipenses. É pela comunhão no Espírito Santo, que os cristãos hão-de manter, entre si, a unidade e a paz. É, portanto, mais uma participação, do que uma imitação, do coração de Cristo, o que Paulo pede ao dizer: «*tende, entre vós, os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus*»!

**3.** Caríssimos irmãos. Depois das mãos e dos braços, para o trabalho da vinha, o Senhor pede-nos o abraço do coração. Pede-nos um «sim» de corpo e alma, um «sim» de alma e coração. Como se não bastasse a resposta pronta, dos que têm o coração perto da boca. Dos que dizem sempre «ámen» para deixar tudo na mesma. É preciso dizer e fazer. Ou melhor ainda, fazer, sem dizer. Mais: é preciso sentir o que se diz, sentir ainda mais o que se faz. Trabalhar na Igreja, com a força dos braços, mas ao ritmo certo do coração manso e humilde de Cristo.

É, por isso, preciso e urgente vencer rivalidades, com um elevado espírito de serviço. *O próprio Cristo que era de condição divina, fez-se servo!*

É, por isso, preciso e urgente sobrepor a humildade à vanglória. *O próprio Cristo que era de condição divina não se valeu da sua igualdade com Deus!*

É, por isso, preciso e urgente submeter o interesse próprio a uma fiel obediência ao bem de todos. *O próprio Cristo humilhou-se ainda mais, até à morte e morte de Cruz!*

Sem este «abaixamento» raso, onde cada um depõe as armas do orgulho e do interesse próprio, não há condições de unidade e de paz... no seio da Igreja, na vida das nossas comunidades e até no nosso mundo. Não vos digo que «há sempre tempo de mudar». Digo-vos que «é sempre tempo para mudar».

*Tende, entre vós, os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus!*

**Monições para a Rádio – 26/A**

**Entrada***: «Em verdade vos digo: os publicanos e as mulheres de má Vida vão antes de Vós para o Reino de Deus»!* Bom dia. É Dia do Senhor. É Domingo.Com esta provocante afirmação, o Senhor Jesus faz perceber a grandeza dos pecadores face à falsa justiça dos homens religiosos do seu tempo. Grandeza que lhes vem não do seu pecado, mas do seu acolhimento à Palavra de Deus, da sua resposta ao apelo de conversão. É a conversão a única realidade da Vida que pode mudar o sentido de uma história. Um passado de pecado pode abrir-se a um presente de graça. É neste presente que o apelo à conversão se faz sentir. A todos quantos celebramos hoje o XXVI Domingo, fica o cântico de entrada a abrir o coração para a acção misericordiosa do nosso Deus...

**Antes da 1ª leitura**: Um «sim» dado hoje destrói todas as respostas negativas do passado. Um «não» hoje dado desfaz todo um passado de aliança.

**Antes da 2ª leitura**: Magnífico hino a exaltar a humildade de Cristo. Um modelo nas relações no seio da comunidade cristã.

**Antes do Evangelho**: A história da Vinha, contada em muitas histórias. É a história de dois filhos arrependidos, para o bem e para o mal. Uma história para Viver.

**Depois da Homilia**: Oportuna e incisiva advertência para o risco de profanação da Palavra, em tempo de campanha eleitoral.

**Durante o prefácio** «O Senhor esteja convosco...»:

No coração desta Liturgia, o Presidente deixa colocar em seus lábios a Oração de Cristo ao Pai, a oração de toda a Igreja. Exaltando como motivo deste louvor a restauração universal em Cristo.

**Durante a Comunhão**:

Leia-se um belo testemunho recolhido por Miguel Torga (Diário II). ***(As resposta da Mulher aparecem em letra mais escura)...***

“Coimbra, 28 de Abril de 1943 - O tecto do velho casarão hospitalar só não caiu porque isto da matéria às vezes resiste muito. Era na hora da aceitação. A ficha pedia respostas curtas e concretas.

- Profissão?

- **Meretriz** (prostituta)**.**

- Filhos?

- **Oito.**

- Quantos?!

- **Oito.**

- E todos desde que...

- **Todos.**

Serena, como se tivesse dito uma coisa sem qualquer importância, continuou de pé, encostada à parede.

- Sente-se.

- **Com licença...**

- Abortos?

- **Nenhum.**

- Nenhum?!!

- **Não senhor.**

- Na sua vida, de mais a mais...

- **Nenhum. Nunca quis** (abortos).

- E os filhos? Vivos ou mortos?

- **Todos vivos e sãos**.

- Criados lá?!

**- Pois.**

As letras do assento oscilavam, inseguras, no papel. Firme, só ela, desgraçada, mas com a sua folha de mãe corrida e limpa”.

**Despedida**: Durante mais dois domingos o tema da Vinha expõe a realidade de um povo, herdeiro de alianças antigas, a recusar o Filho de Deus. Pelo contrário os pobres pecadores a aderirem a Cristo, sedentos da sua misericórdia. Aqui estivemos em mais uma celebração Eucarística a viver o domingo, com a Palavra saboreada e o Pão das nossas forças. Aos mais fracos, na sua doença, esquecimento e dor, fica a certeza de que o Reino vos pertence, tal a sede de Vida que em Deus buscais. Um abraço fraterno da comunhão em Cristo hoje vivida. Um abraço fraterno da comunhão em Cristo hoje vivida. Um Santo Domingo.

1. Cf. folha dominical, página interior, do lado direito ou este guião, pág.5. Aqui podem ser mencionados todos os grupos paroquiais, com a descrição sumária do serviço que prestam, como podem ser destacados apenas alguns grupos, que mais precisam de ser renovados, sem esquecer eventualmente os grupos que seria preciso criar, para responder às necessidades da comunidade e ao desafio da caridade, que este ano pastoral nos é feito, com mais veemência. [↑](#footnote-ref-1)
2. *Literalmente, Fil.2,5: «se há algum conforto em Cristo» deve ler-se : «se há algum apelo insistente”... cf. Bíblia de Jerusalém.* [↑](#footnote-ref-2)